



21 de julho de 2023
ESTATÍSTICAS AGRÍCOLAS
2022

ESTATÍSTICAS AGRÍCOLAS 2022

O ano agrícola 2021/2022 em Portugal continental caracterizou-se em termos meteorológicos como extremamente quente (o mais quente desde 1931/32) e muito seco. A seca meteorológica de 2022 foi das mais severas desde que existem registos sistemáticos, com praticamente todo o território continental em seca severa e extrema nos meses de fevereiro, maio, junho, julho e agosto.

A campanha de cereais de inverno de 2022 foi a pior de sempre, tendo sido inclusivamente inferior à produção da campanha de 2012, coincidindo as piores campanhas cerealíferas com as secas mais graves.

A produção de maçã decresceu 20,9%, relativamente ao ano passado que, recorde-se, foi a segunda colheita mais produtiva dos últimos 35 anos. A colheita da pera concluiu-se com quebras de produção de 41,3%, relativamente à campanha anterior, devido às condições meteorológicas adversas e à estenfiliose.

Na Cova da Beira a queda de cerejas foi inferior ao esperado e a colheita decorreu em boas condições, o que contribuiu para uma produção ligeiramente superior à alcançada na campanha passada (+3,1%), sendo a mais produtiva de sempre. Na laranja, o aumento de produção, quer nas variedades temporãs, quer nas tardias, contribuiu para a melhor campanha de sempre, 4,0% acima da produção registada em 2021.

Em Portugal, deflagraram 10 439 incêndios rurais em 2022, mais 26,8% de ocorrências face a 2021. O número de ignições, ainda que superior aos dois últimos anos e à média do último quinquénio, foi cerca de metade do número médio de incêndios registados nos últimos 20 anos.

O défice da balança comercial dos “Produtos agrícolas e agroalimentares” (exceto bebidas) atingiu 5 222,8 milhões de euros em 2022, um agravamento de 1 374,5 milhões de euros face ao ano anterior.

Em 2022, agravou-se o défice do grau de aprovisionamento da carne, mas Portugal manteve um grau de autoaprovisionamento excedentário em leite para consumo público, vinho, azeite e arroz.

Registaram-se aumentos muito acentuados do índice de preços de produção dos bens agrícolas (+20,5%), do índice de preços dos bens e serviços de consumo corrente na agricultura (+30,0%) e do índice de preços dos bens e serviços de investimento da atividade agrícola (+10,7%).

O Instituto Nacional de Estatística (INE) apresenta a edição de 2022 das “Estatísticas Agrícolas”, um retrato atual e abrangente da agricultura nacional, reportando-se a informação ao último período temporal disponível. A publicação está organizada em 12 capítulos, constando no final de cada um, sempre que disponível, os links para os respetivos indicadores do portal.



PRODUÇÃO VEGETAL - ANO AGRÍCOLA 2021/2022

O ano agrícola 2021/2022 em Portugal continental caracterizou-se em termos meteorológicos como extremamente quente (o mais quente desde 1931/32) e muito seco.

A seca meteorológica de 2022 foi das mais severas desde que existem registos sistemáticos, com praticamente todo o território continental em seca severa e extrema nos meses de fevereiro, maio, junho, julho e agosto.

A campanha de cereais de inverno de 2022 foi a pior de sempre, tendo sido inclusivamente inferior à produção da campanha de 2012, coincidindo as piores campanhas cerealíferas com as secas mais graves.

Nas culturas de primavera, a subida da cotação internacional do milho não teve impacto na área semeada (+0,2%, face a 2021), eventualmente devido ao significativo aumento dos preços dos meios de produção, sobretudo dos fertilizantes, energia e combustíveis.

A produção de arroz foi 155,6 mil toneladas, o que corresponde a uma diminuição de 11,6%, face à campanha anterior.

Também a produção de tomate decresceu 19,7%, relativamente à campanha anterior, quer devido à redução de área, quer às elevadas temperaturas estivais (que afetaram a floração e causaram muitas ocorrências de escaldão nos frutos em crescimento) e à precipitação no final da campanha, que originou podridões e atrasos nas maturações e colheitas.

A produção de maçã decresceu 20,9%, relativamente ao ano passado que, recorde-se foi a segunda colheita mais produtiva dos últimos 35 anos.

A colheita da pera concluiu-se com quebras de produção de 41,3%, relativamente à campanha anterior, devido às condições meteorológicas adversas e à estenfiliose.

Na Cova da Beira a queda de cerejas foi inferior ao esperado e a colheita decorreu em boas condições, o que contribuiu para uma produção ligeiramente superior à alcançada na campanha passada (+3,1%), sendo a mais produtiva de sempre.

Na laranja, o aumento de produção, quer nas variedades temporãs, quer nas tardias, contribuiu para a melhor campanha de sempre, 4,0% acima da produção registada em 2021.

A entrada em produção dos novos amendoais do Alentejo foi suficiente para compensar a diminuição de produção registada em Trás-os-Montes, essencialmente devido à situação de seca e às geadas tardias. A produção global aumentou 11,5% face à campanha anterior, sendo a mais produtiva dos últimos 30 anos.



PIOR CAMPANHA DE SEMPRE PARA
OS CEREAIS DE OUTONO/INVERNO



A precipitação da segunda quinzena de outubro foi tardia para a maioria dos soutos, que se encontravam no início da queda de frutos, não evitando um decréscimo de produção de castanha de 39,9%, face à campanha passada, tendo sido mesmo a campanha com menor produtividade dos últimos 37 anos.

O calor extremo de julho e de agosto conduziu a situações muito frequentes de escaldão na vinha e dessecação dos cachos, bem como à paragem de desenvolvimento dos bagos, situação desbloqueada pelas chuvas de setembro. A produção foi inferior em 7,3% à da vindima de 2021.

A produção de azeite foi 1,378 milhões de hectolitros (cerca de 126 mil toneladas), o que corresponde a uma diminuição de 39,8% face à campanha de 2021. De notar que, mesmo num ano tão adverso e exigente para a produção de azeite como foi 2022, foi alcançada a quarta maior produção de sempre, apenas abaixo das campanhas de 2021, 2019 e 2017.

PRODUÇÃO ANIMAL - 2022

A produção de carne situou-se nas 914 mil toneladas, refletindo praticamente uma manutenção (+0,3%) face a 2021.

A carne de reses (490 mil toneladas, incluindo a carne de bovinos, suínos, ovinos, caprinos e equídeos) teve uma descida de 1,6%. A produção de carne de animais de capoeira (inclui galináceos, perus e patos) cresceu 2,9%, tendo atingido as 410 mil toneladas.

As produções de carne de bovino (104 mil toneladas) e caprino (1,3 mil toneladas) mostraram aumentos de 0,8% e 4,9%, respetivamente, face a 2021.

Pelo contrário, as produções de carne de suíno (370 mil toneladas) e de ovino (14,8 mil toneladas) registaram decréscimos de 2,0% e 7,1%, respetivamente.

A produção de carne de frango (329 mil toneladas) cresceu 5,2%, enquanto os segmentos da carne de peru (51,2 mil toneladas) e de pato (10,3 mil toneladas) tiveram reduções de 6,9% e 1,2%, respetivamente, em relação a 2021.

A produção bruta de ovos de galinha totalizou 150 mil toneladas, um aumento de 5,5%, com o volume de ovos para consumo (129 mil toneladas) superior em 5,9% e o de ovos para incubação (21,0 mil toneladas) a aumentar 3,1% face a 2021.

O total de leite contabilizou 1 969 milhões de litros, correspondente a menos 3,3% relativamente a 2021, com o volume de leite de vaca (1 871 milhões de litros) a diminuir 3,4% e os leites de ovelha e cabra também com diminuições de 2,4% e 2,7%, respetivamente.



MENOR PRODUÇÃO DE LEITE
E
PRODUTOS LÁCTEOS



A produção da indústria de lacticínios nacional em 2022 resultou num menor volume total de produtos lácteos, evolução que ficou a dever-se ao decréscimo ocorrido tanto nos produtos frescos (leite para consumo inferior em 1,8%), como nos produtos transformados (manteiga e leite em pó diminuíram 12,7% e 23,3%, respetivamente).

PRODUÇÃO FLORESTAL

Em Portugal, deflagraram 10 439 incêndios rurais em 2022, mais 26,8% de ocorrências face a 2021. O número de ignições, ainda que superior aos dois últimos anos e à média do último quinquénio, foi cerca de metade do número médio de incêndios registados nos últimos 20 anos.

A superfície ardida em Portugal em 2022 foi 110,1 mil hectares no Continente e 0,09 mil hectares na R.A.M (28,4 mil hectares e 0,07 mil hectares em 2021, respetivamente), o que posiciona 2022 como o quarto ano mais severo da última década (2013-2022), com quase o dobro da área média ardida no último quinquénio (58,8 mil hectares).

Em Portugal Continental, no ano 2022, a área de caça distribuiu-se por 6 997 mil hectares em 5 248 zonas de caça, mais 103 espaços distribuídos por mais 18,1 mil hectares que em 2021.

As 115 726 licenças de caça emitidas na época venatória 2021/2022 (111 926 em 2020/2021), traduzem um acréscimo de 3,4%, gerando uma receita de 5,7 milhões de euros, superior em 3,8% à de 2020/2021.



AGRICULTURA E AMBIENTE

Em 2021, foram vendidas 9,6 mil toneladas de produtos fitofarmacêuticos, o que reflete uma redução de 1,3% face a 2020. Para este decréscimo contribuiu a diminuição das vendas de enxofre (-11,2%), principal substância ativa comercializada em Portugal (35,7% do total). A ocorrência de valores de precipitação acumulada entre março e julho de 2021 (período em que se realizam a maioria das aplicações de pó de enxofre), significativamente inferiores ao registado no período homólogo de 2020 (165mm, que compara com 253mm em 2020), limitaram a proliferação de fungos e consequentemente a aplicação deste fungicida.

O consumo aparente de fertilizantes decresceu 37,2% em 2022. Para este decréscimo terá contribuído o aumento dos preços dos fertilizantes e corretivos, cujo respetivo índice de preços quase duplicou face a 2021 (+89,9%).

Em 2022, o balanço bruto do azoto no solo foi 122 mil toneladas (143 mil toneladas de azoto em 2021), resultado de um decréscimo da incorporação de azoto no solo (-40 mil toneladas de azoto), mais acentuado do que a diminuição do azoto removido pelas culturas (-19,1 mil toneladas).



A redução da incorporação de azoto no solo deveu-se sobretudo a uma menor aplicação de fertilizantes inorgânicos (-35,5 mil toneladas). A diminuição da remoção deste macronutriente pelas culturas foi consequência de decréscimos da produção que resultaram da seca, das condições atmosféricas desfavoráveis e do aumento dos preços dos meios de produção.

O balanço do fósforo aumentou 24,7% em 2022, o que se traduziu num excesso de 9,5 mil toneladas (7,7 mil toneladas em 2021). Para este aumento contribuiu a forte diminuição da remoção deste nutriente no solo (-20,0%, correspondente a uma redução de 8,0 mil toneladas de fósforo), mais acentuada do que a diminuição da incorporação no solo (-12,8%, equivalente a -6,2 mil toneladas de fósforo).

Em 2021, a atividade agrícola foi responsável por 52,5 Gg de emissões de amoníaco, equivalente a 13,2 kg de emissões de NH₃ por hectare de superfície agrícola utilizada (13,3 kg de emissões de NH₃ por hectare em 2020). Relativamente a 2020, as emissões de amoníaco por hectare de superfície agrícola diminuíram 0,7%.

A atividade agrícola, no ano de 2021, foi responsável por 7,3 milhões de toneladas de emissões de GEE (eq. CO₂), o que corresponde a 1,8 toneladas de emissões de GEE (eq. CO₂) por hectare de superfície agrícola utilizada (redução de 0,5% face a 2020).

O consumo direto de energia da atividade agrícola atingiu 17,6 milhões de Gj em 2021, o que traduz um crescimento de 3,0% relativamente a 2020.

ÍNDICE DE PREÇOS DOS
FERTILIZANTES E
CORRETIVOS QUASE
DUPLICOU (+89,9%),
AFETANDO O CONSUMO
APARENTE DE FERTILIZANTES
NA AGRICULTURA, QUE
DECRESCEU 37,2%

INDÚSTRIA ALIMENTAR, DAS BEBIDAS E DO TABACO - 2022

As Indústrias Alimentares mantiveram-se como a principal atividade da produção industrial nacional com 14,5% do total das vendas em 2022 (14,3% em 2021).

Em 2022, 77,7% do valor das vendas das indústrias alimentares teve como destino o mercado nacional (-0,7 p.p. face a 2021) e 16,6% a União Europeia (+0,5 p.p. face a 2021).

O valor das vendas das Indústrias Alimentares em 2022 fixou-se em 15,2 mil milhões de euros, mais 2,9 mil milhões de euros face a 2021.

A atividade de “abate de animais, preparação e conservação de carne e de produtos à base de carne” foi a mais valorizada das Indústrias Alimentares com 19,3% do total do valor de vendas (20,6% em 2021).

INDÚSTRIAS ALIMENTARES
CONTRIBUÍRAM COM 14,5%
DO TOTAL DAS VENDAS E
MANTIVERAM-SE COMO A
PRINCIPAL ATIVIDADE DA
PRODUÇÃO INDUSTRIAL EM
2022



A Indústria das Bebidas faturou 3,5 mil milhões de euros em 2022, mais 385 milhões de euros que em 2021, tendo a “indústria do vinho” contribuído com 51,8% do total do valor das vendas (56,2% em 2021).

As vendas da Indústria do tabaco ascenderam a 700,1 milhões de euros, menos 16 milhões de euros face a 2021.

COMÉRCIO INTERNACIONAL - 2022

O défice da balança comercial dos “Produtos agrícolas e agroalimentares” (exceto bebidas) atingiu 5 222,8 milhões de euros em 2022, um agravamento de 1 374,5 milhões de euros face ao ano anterior.

Os “Cereais” foram o grupo que mais contribuiu para esta evolução, atingindo o maior défice (-1 276,1 milhões de euros) no conjunto dos “Produtos agrícolas e agroalimentares” (exceto bebidas), refletindo um agravamento de 429,6 milhões de euros face a 2021.

O saldo da balança comercial das “Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres” diminuiu 64,4 milhões de euros face a 2021, registando um excedente de 712,7 milhões de euros em 2022.

O saldo da balança comercial dos “Produtos do setor florestal” alcançou 3 293,8 milhões de euros em 2022, aumentando 558,2 milhões de euros comparativamente ao ano anterior.



BALANÇOS DE APROVISIONAMENTO

Em 2022, o mercado interno contribuiu com 78,2% da quantidade de carne necessária para satisfazer as necessidades nacionais de consumo (81,0% em 2021). A carne de animais de capoeira foi a mais consumida (45,2 kg/habitante, que compara com 43,1 kg/habitante em 2021), seguida da carne de suíno (42,5 kg/habitante versus 41,8 kg/habitante em 2021).

O grau de autoaprovisionamento para o conjunto dos produtos lácteos (leite e derivados) em 2022 foi 93,0%, que compara com 95,9% em 2021. O leite para consumo público manteve-se excedentário (111,4%), mas alguns produtos lácteos continuaram deficitários, caso dos leites acidificados (56,1%), das bebidas à base de leite (80,0%) e do queijo (62,6%).

Na campanha 2021/2022, o grau de autoaprovisionamento dos cereais (exceto arroz) foi 20,1% (+0,9 p.p. face à campanha anterior), tendo-se registado um acréscimo na produção de grão (+3,4%) e um decréscimo nas importações (-1,5%), relativamente a 2020/2021.



EM 2022, AGRAVOU-SE O
DÉFICE DO GRAU DE
AUTOAPROVISIONAMENTO DA
CARNE

PORTUGAL MANTEVE UM GRAU
DE AUTOAPROVISIONAMENTO
EXCEDENTÁRIO EM LEITE PARA
CONSUMO PÚBLICO, VINHO,
AZEITE E ARROZ

A quantidade total de frutos disponível para consumo humano em 2021/2022 aumentou 2,6%, equivalendo a um consumo de 151,2 kg de frutos por habitante (148,1 kg na campanha 2020/2021). O grau de autoaprovisionamento fixou-se em 82,8%, ou seja 17,2 p.p. abaixo da autossuficiência, mas o mais elevado no período em análise (2018/2019-2021/2022).

Em 2021, a produção nacional de azeite atingiu um máximo de 188 mil toneladas, e cresceu 75,7% em relação a 2020. Na sequência deste aumento, o azeite apresentou um grau de autoaprovisionamento de 264,8%, 164,8 p.p. acima da autossuficiência, sendo o valor mais elevado de toda a série disponível.

Na campanha 2021/2022, o grau de autoaprovisionamento do vinho fixou-se em 113,0% (114,9% em 2020/2021). Face à campanha anterior houve

um acréscimo significativo da produção (+14,7%), tendo o consumo humano aumentado 14,3%, principalmente nos vinhos DOP e IGP.

ESTATÍSTICAS DE PREÇOS AGRÍCOLAS - 2022

O índice de preços de produção dos bens agrícolas aumentou 20,5%. Este crescimento deveu-se às evoluções de +14,9% no índice de preços da produção vegetal e de +29,6% no índice de preços da produção animal.

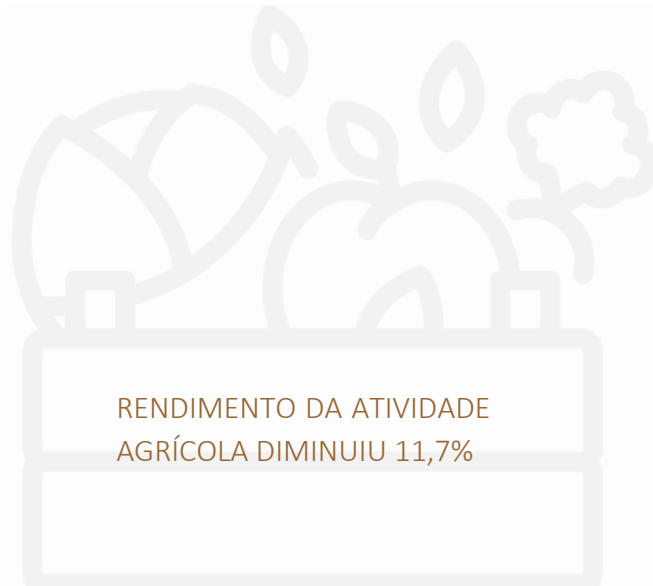
O índice de preços dos bens e serviços de consumo corrente na agricultura registou uma variação de +30,0% e o índice de preços dos bens e serviços de investimento da atividade agrícola uma evolução de +10,7%.

ÍNDICE DE PREÇOS DOS BENS E
SERVIÇOS DE CONSUMO
CORRENTE NA AGRICULTURA
AUMENTOU 30,0%, MAIS 9,5
P.P. QUE O ÍNDICE DE PREÇOS
DE PRODUÇÃO



CONTAS ECONÓMICAS DA AGRICULTURA - 2022

Em 2022, o Rendimento da atividade agrícola, em termos reais, por unidade de trabalho ano (UTA), registou um acentuado decréscimo (-11,7%), em consequência da redução nominal do Valor Acrescentado Bruto (-8,7%) e de um acréscimo dos Outros subsídios à produção (+3,8%).



A redução do Valor Acrescentado Bruto, em termos nominais, resultou de um aumento do Consumo Intermédio muito superior ao aumento da Produção do ramo agrícola (+23,7% e +11,7%, respetivamente). Em termos reais, observou-se um decréscimo menos acentuado do Valor Acrescentado Bruto (-5,8%), refletindo as reduções em volume da Produção (-5,6%) e do Consumo Intermédio (-5,5%).

CONTAS ECONÓMICAS DA SILVICULTURA - 2021

Em 2021, o Valor Acrescentado Bruto da silvicultura diminuiu 1,8% em volume e aumentou 0,7% em valor, interrompendo o decréscimo nominal registado nos dois anos anteriores.

A cortiça (-14,7%) e os serviços silvícolas e de exploração florestal (-2,5%) foram determinantes na evolução negativa da produção em termos reais (-0,7%).

O aumento nominal da produção (+1,6%) refletiu o acréscimo da produção de madeira (+12,1%), que moderou o efeito dos decréscimos das produções de cortiça (-17,4%) e de serviços silvícolas e de exploração florestal (-1,4%).

